



Meridian F80

A arte do impossível

Nunca conseguirei perceber que raio de acidente sináptico me trouxe à memória, com uma vividez alucinante e apenas ao fim de uns escassos segundos de audição do F80, uma frase poderosa que surge no final de um dos mais conhecidos livros de H. P. Lovecraft, cujo título é *The Case of Charles Dexter Ward*.

Lovecraft foi um escritor americano do início do século XX, que descobri ainda não tinha vinte anos e que se tornou uma das minhas paixões, à

época. Um génio ímpar, capaz de descrever como ninguém ambientes psicológicos assustadores, cheios de maus presságios e pavores distantes, em urdiduras complexas de palavras e frases que cresciam para climaxes que, devo confessá-lo, por vezes me eram algo desapontadores. A ler em inglês, forçosamente, mastigando cada palavra e saboreando cada frase, que Lovecraft não tolera traduções!

Muitos o conhecerão, já que se tornou um objecto de culto não menos

venerado pelos seus admiradores que um Elvis Presley ou uns Beatles, passe a comparação. Criou uma teia de mitos, entidades e personagens no seu mundo de horror e fantasia, e não serão poucos os que acreditam que os mitos de Cthulhu, o Necromicon, o Livro dos Mortos, escrito pelo árabe louco Abdul Alhazred, o Yog-Sothoth, o Deus sem Cara cujo vislumbre enlouquece qualquer mortal, são realidades tremendas e pavorosas que existem, exactamente *porque ninguém acredita nelas*.



A tal frase do tal livro, que aparece quase na última página do mesmo, é mais ou menos assim: «Já não me podes enganar, Joseph Curwen, pois agora sei que a tua mágica maldita é verdadeira!», e é proferida pelo herói da fita antes de pronunciar o encantamento que atira a tremenda entidade para o mais profundo dos abismos do tempo.

Mas a que propósito vem isto tudo? Começemos pelo princípio.

As minhas colunas estão a ficar «velhinhas» e os terminais, que usam bananas, começavam a dar de si, pelo que decidi pedir ao António Almeida, que detém a representação da Meridian entre muitas outras coisas, que me substituísse por WBT's, marca que também representa. Como, para isso, as colunas tinham de ser levadas para a oficina, pedi-lhe que, quando as fosse buscar, me deixasse outras quaisquer para que pudesse ir ouvindo música. No dia em que o Nuno (actual colaborador do A. Almeida e velho conhecido) as foi buscar, trazia uma «caixinha» de cartão que me intrigou. Não eram colunas com certeza, o que me começou a desapontar um pouco.

Sem se desmanchar, com um sorriso matreiro de quem traz água no bico,

tira de dentro da dita caixa um pequeno aparelho de forma semicircular, com uns 40 cm de diâmetro e coloca-o em cima de uma mesinha baixa que tenho na minha sala, entre as colunas, a uns 4 metros do meu «poiso» de audição. Um rádio de mesa! Tinha pedido umas colunas e traziam-me um «garrafão electrónico»! Com um sorriso que tentei que fosse o menos amarelo possível, examinei-o e apercebi-me do «logos» da Meridian encimado por um «cavalinho rampante», o símbolo da Ferrari. Obviamente coisa séria, certamente de luxo mas, *nevertheless*, um raio de um «garrafão electrónico»!

Aí o Nuno liga-o à corrente, pede-me um CD de que eu gostasse, enfia-o no aparelho, que o engoliu com uma suavidade impressionante, e põe-no a tocar. Só se me estivessem a filmar, naquele momento, é que alguém conseguiria acreditar no nível de espanto e incredibilidade que a minha cara espelhou, logo aos primeiros segundos de música. O aparelho não produz música! O aparelho «invoca-a». A minha sala, que tem 42 m², encheu-se de música como se estivesse a tocar um bom sistema de som, formando-se uma imagem da orquestra impossível, de parede a parede!

Durante cerca de uma hora estive-mos, pasmados, a ouvir bocados de diversos CD's. Uns de demonstração, outros orquestrais, sinfónicos, solos de violoncelo, piano, quartetos, Bach, Ravel, Chostakovitch, até Bruckner, tudo aquilo foi apresentado de forma credível. Eu ria-me nervosamente quando nos fortes orquestrais ouvia os violinos no canto esquerdo da sala, onde não estava «nada», as cordas graves à direita, as madeiras por cima, os metais atrás e à direita, graves impossivelmente poderosos e profundos. Da «meia lua» vermelha e preta assente em cima da mesa, longe de paredes laterais e pelo menos a 1,5 metros da traseira, não saía som absolutamente nenhum!

Mas afinal o que é o F80? Não é mais, afinal, que uma versão superespecial daquilo que esteve na moda nos anos 70 ou 80, um *music centre*. Esses «centros musicais» eram equipamentos estilo «tudo num», que tinham amplificador, sintonizador, gira-discos e leitor de cassetes numa única peça, sendo as colunas à parte. Eram uma espécie de «primeiro degrau» para o audiófilo não abastado, enquanto não conseguia reunir os fundos necessários para o primeiro sistemazinho de alta (ou baixa) fidelidade. É um conceito que praticamen-

TESTE Meridian F80



te desapareceu do mercado, ressurgindo agora pela mão da Meridian e da Ferrari (sim, a dos automóveis!), só que dirigido agora aos melómanos e audiófilos exigentes e endinheirados, já que o F80 não é propriamente vendido ao preço da chuva.

A Meridian foi fundada em 1977 por Bob Stuart e Allen Boothroyd, e o prestígio do equipamento de áudio que produziu e produz dispensa-a de mais apresentações. Bob Stuart, pai das primeiras colunas activas digitais e o cérebro por detrás da Meridian, é um «génio» do áudio digital. A Ferrari, por seu lado, também dispensa apresentações. A única questão que me ocorre é a seguinte: que raio de «acidente sináptico» induziu no cérebro do Stuart a ideia da associação com a Ferrari para produzir o F80?

Os mais cínicos poderão julgar tratar-se de uma simples promoção comercial suscitada pela simples referência à marca de Maranello, mas o facto é que não é bem assim. Para o seu projecto, Stuart precisava de usar materiais especiais, com características que permitissem evitar toda espécie de vibrações parasitas que afectassem a estrutura do aparelho, em especial nos recintos de «carga» dos altifalantes. A Ferrari tem enorme experiência no estudo e desenvolvimento de materiais compósitos e foi com esses materiais que contribuiu para a criação do F80. Com um sucesso que

merece ser estrondoso, como me é agora evidente!

O F80 toca, evidentemente, CD's. Mas, para além disso também lê DVD's de vídeo, MP3 e WMA, podendo ser ligado a uma televisão ou computador. Possui um sintonizador de FM e AM e ainda de DAB (rádio digital). Tem entradas analógicas e digitais (óptica) para fontes exteriores, entrada para iPod, saídas S-Video e PAL/NTSC e saídas para auscultadores. A secção de amplificação produz uma potência de nada menos de 80 Watt. Dadas as reduzidas dimensões do F80

suspeito tratar-se de amplificação em Classe D, já que se encontra associada a um sistema de *crossover* por tratamento digital do sinal (DSP), que distribui o sinal pelos três altifalantes que incorpora. Dois deles estão voltados para a frente e um terceiro, uma espécie de *mini-subwoofer*, de curso longo, está vol-

tado para trás. Os recintos acústicos que alojam esses altifalantes são constituídos pelo tal material «especial de corridas» desenvolvido pela Ferrari.

O painel de comando, na parte superior do aparelho, funciona com menus e submenus, como já estamos habituados com os computadores e os telemóveis, pelo que a adaptação é fácil, quase dispensando as instruções. Acho que devo chamar a atenção especialmente para dois comandos, creio que sob a epígrafe «áudio», em que um deles se chama «width» e permite alargar ou concentrar a imagem estereofónica, e o outro dá pelo nome de «tilt», permite inclinar a curva de resposta, favorecendo os graves com ligeira atenuação dos agudos. Não tem qualquer parecença com os velhos comandos de tonalidade que só serviam para distorcer o som, e recomendo vivamente que, para cada posicionamento do aparelho, numa sala, sejam feitas experiências com um e outro. Os resultados são surpreendentes. Por mim, no local em que tinha o F80, bastou mudar o «tilt» da posição «0°» para «1°» para que a imagem se alargasse e o som se «enchesse» de forma perfeitamente evidente e satisfatória.

Com o F80 é fornecido um pequeno telecomando de bolso, leve e de reduzidas dimensões, que permite controlar as funções mais básicas.



O som produzido com

rádio, nomeadamente FM, não é de pasmar, mas afinal de contas também não o é a qualidade



da nossa FM. O DAB está na infância, em Portugal (e não só), pelo que mais vale esquecê-lo. É com CD que o F80 revela tudo aquilo de que é capaz. É que, para além da dimensão da imagem, da profundidade e poder dos graves e da robustez do som, o F80 consegue ser tão limpo e transparente como muitos sistemas mais caros que ele gostariam de o ser! Nas passagens mais complexas e multifacetadas, as diferentes linhas melódicas continuam a ouvir-se e a seguir-se com facilidade e, mesmo com o volume quase no máximo, nunca detectei sinais evidentes de distorções ou vibrações espúrias nos «fortíssimos». Os agudos, mesmo quando produzidos pelas vozes «duras» de sopranos ou metais, apresentam-se limpos e sem sinais de estridência. Quanto aos graves já disse o que tinha a dizer. Talvez acrescento que deverão surpreender os mais experientes!

Claro que a gama dinâmica não é a mesma que a que se consegue com um sistema *high-end*, mas isso acaba por ser positivo. É que as relações dinâmicas «dentro» da gama dinâmica total são mantidas claras e eviden-

tes, o que nos permite seguir a trama musical, perceber pormenores, timbres e tonalidades, mesmo a volumes relativamente baixos, o que o torna uma ferramenta ideal para audições nocturnas. Produz um som relaxado, limpo e viciante que incita a ouvir CD's atrás de CD's, e eu dei por mim a desligar a televisão e a passar as noites com um livro e o som do F80! Faz maravilhas com a obra para piano de Ravel e Debussy, com os quartetos de Chostakovitch, com a música de câmara de Schumann e Schubert e até com música sinfónica, desde que não lhe peçam para reproduzir com realismo Mahler ou Bruckner, por exemplo. É que até a magia tem limites!

O F80 custa 2700 euros, o que é muito dinheiro por um «garrafão electrónico», mesmo que claramente promovido a «Moët&Chandon electrónico». No entanto creio sinceramente que deverá ser difícil, com esse mesmo dinheiro, conseguir «reunir» um sistema de «separados» que proporcione a mesma satisfação musical! Só o espaço que se poupa, a ausência de angústias com a escolha dos componentes de entre a infinidade

dos que existem no mercado, a ausência de preocupações com a sua compatibilização e com a escolha dos cabos de ligação, dever-nos-á levar a considerar seriamente a opção F80.

Mas eu não insisto! O leitor não é obrigado a acreditar em nada disto que aqui lhe escrevo. Quem sabe, se calhar até estou a gozar consigo! Afinal toda a gente sabe que um aparelho em forma de meia lua, com uns 40 cm de diâmetro, uma espécie de rádio de mesa com pretensões, não pode tocar da mesma maneira que um bom sistema de som de componentes e colunas separadas que custe o mesmo preço, pois não?

Eu, por mim, estou-me nas tintas. Como já o ouvi, limito-me a sorrir beatificamente para dentro e a pensar: «Já não me podes enganar, F80, pois agora sei que a tua mágica mal-dita é verdadeira!»

Preço: 2.700,00 €

Representante: Ajasom

Tel.: 21 474 87 09